




FRESTAS PARA (RE)ENCANTAR CORPOS D[IS/O]CENTES – POR UMA EDUCAÇÃO QUE LECIONE ANDORINHAS

*FRESTAS TO (RE)ENCHANT STUDENTS' AND TEACHERS' BODIES – TOWARD AN EDUCATION
THAT TEACHES SWALLOW*

<https://orcid.org/0000-0002-8314-1903>  Michelle Dantas Ferreira^A
<https://orcid.org/0000-0001-5632-4539>  Adrianne Ogêda Guedes^B
<https://orcid.org/0000-0002-6422-4121>  Edilane Oliveira da Silva^C

^{A/C} Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)/Secretaria Municipal de Educação (SME), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

^B Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Recebido em: 06 out. 2025 | Aceito em: 27 out. 2025

Correspondência: Adrianne Ogêda Guedes (adrianne.ogeda@gmail.com)

Resumo

Apostamos, nas linhas que seguem, que a relação entre Educação, Arte e Formação Docente é primordial na proposição de uma Educação Infantil que seja ebulicionadora das infâncias, que garanta os direitos infantis e potencialize os conhecimentos construídos com e pelas crianças. Diante disso, defendemos um fazer com arte, tanto na formação docente, quanto na discente, pois compreendemos que o modo como o conhecimento é mobilizado em nós, impacta a forma como propiciamos a construção de conhecimento nas/das/pelas crianças com as quais convivemos. Essa hipótese é afirmada a partir da apresentação de um curso de extensão que visa (re)encantar corpos docentes e, consequentemente, discentes – assim desejamos. Uma formação entendida como forma de ação e que inaugure uma educação fresteira, que abre frestas a dimensões vitalizadoras e princípios inegociáveis, atuando na contramão dos saberes hegemônicos e práticas neoliberais. Assim, não só semeamos, como temos visto germinar a vitalização da potência criativa e criadora das crianças, a partir do cultivo destas dimensões nas/nos professoras/es, tendo na arte, no corpo e no movimento dispositivos sensíveis para a composição de um ethos do cuidado.

Palavras-chave: Educação Infantil; Formação Docente; Arte; Cuidado; Encantamento.

Abstract

In the following lines, we argue that the relationship between Education, Art, and Teacher Training is paramount in proposing Early Childhood Education that is provocative for childhoods, that guarantees children's rights, and that enhances the knowledge constructed with and by children. Therefore, we advocate for a practice with art, both in teacher training and in student learning, as we understand that the way knowledge is mobilized within us impacts how we foster the construction of knowledge in/for/by the children we interact with. This hypothesis is affirmed through the presentation of an extension course aimed at (re)enchanted teachers and, consequently, students—or so we hope. This training is understood as a form of action and inaugurates a "freteira" education—one that opens cracks to vitalizing dimensions and non-negotiable principles, acting against hegemonic knowledge and neoliberal practices. Thus, we not only sow the seeds but have also seen the germination of the vitalization of children's creative and generative potential, through the cultivation of



these dimensions in teachers, with art, the body, and movement serving as sensitive devices for the composition of an ethos of care.

Keywords: Early Childhood Education; Teacher Education; Art; Care; Enchantment.

Gramáticas do chão: sobre Educação Infantil e docência

Resgatar esta experiência [o extraordinário] se dá na medida de nossa possibilidade de re-encantar o mundo, o que na verdade significa re-encantar o nosso olhar. Para isso somos chamados a uma mudança de consciência, a um repensar de quem somos e de qual o nosso lugar no Todo.
Severino Antônio

Refletir sobre a Educação Infantil (EI) é, necessariamente, refletir sobre a docência que a atravessa e a sustenta. Não existe infância plenamente vivida, inventiva e autônoma dentro das instituições educativas sem a presença de professoras e professores nutridos de encantamento, beleza e sensibilidade. Como nos lembra Duarte Jr. (2000), somente quando nossas próprias sensibilidades são cuidadas é que podemos cuidar das sensibilidades das crianças. Essa é a gramática primeira de uma docência que se faz no chão da vida, atenta ao cotidiano, disponível ao inusitado, aberta às frestas pelas quais a luz da criação insiste em passar.

Somos professoras da Educação há mais de quinze anos: duas da Educação Infantil, atuando em uma Creche, localizada na Zona Sul, e em um Espaço de Desenvolvimento Infantil (EDI), na Zona Oeste, ambas instituições públicas municipais do Rio de Janeiro. A outra, já transitou pela Educação Básica e atualmente está na Educação Universitária Federal. As três são professoras-pesquisadoras e criadoras do Grupo de Pesquisa Formação e Resignificação do Educador: Saberes, Trocas, Arte e Sentidos – o FRESTAS, desde o seu nascimento em 2014. Então, há mais de dez anos nos dedicamos a pesquisar a relação entre a formação, a educação estética e a arte na Educação Básica, sendo recorrente a presença da Educação Infantil, seja em nossos focos de interesse, seja no predomínio das/dos profissionais da EI nas formações que ofertamos.

Ao falarmos em gramáticas do chão, evocamos os gestos miúdos, os quintais reinventados e as brechas do cotidiano escolar onde se inscrevem formas outras de educar. São espaços-tempos de resistência, de invenção e de cultivo da boniteza (Freire, 2011), entendida como dimensão inegociável de uma Pedagogia que deseja mais, muito mais, do que transmitir conteúdos: deseja mobilizar sentidos, provocar deslocamentos, encantar. Nesse horizonte, a docência da infância só pode florescer quando compreendida como experiência formativa integral, que acolhe o corpo, o sonho (Freire, 2020; Limulja, 2022; Ribeiro, 2022), a arte

(Ostetto; Silva, 2018; Ostetto, 2019; 2024), o amor (Hooks, 2021), a escuta e o encantamento (Simas; Rufino, 2019; 2020; Rufino, 2021; 2023).

É nessa perspectiva que situamos a experiência do curso de extensão FRESTAS para (re)encantar corpos docentes, ação de pesquisa e extensão que promovemos desde 2024. Trata-se de uma formação que deseja mobilizar, inspirar e reacender nossos estados de vitalidade e desejo. Não se trata de oferecer fórmulas prontas ou de reproduzir saberes cristalizados, mas de criar frestas que permitam que cada docente encontre, em sua trajetória, os seus próprios detonadores — aqueles que, como na metáfora de Esquivel (2015), fazem acender a caixa de fósforos interna e alimentam a alma de energia. O curso se afirma como espaço de reconexão com o corpo, de diálogo com as artes, de cultivo de pausas e respiros em meio à aceleração dos tempos atuais. É uma possibilidade investigativa, inventiva e que convoca a experimentação, com vistas a vitalizar corpos para a docência e para a vida, portanto, uma Pesquisa Vida (Godoy; Ramallo; Ribeiro, 2023). Um convite-evocação para ebulicionar nossa potência criativa e criadora, tão presente nas infâncias e que, muitas vezes, acabam perdidas no caminho da adultez. Acordar essa dimensão brincante, fabulatória, curiosa e pulsante pelo mundo é urgente para que possamos existir, não só enquanto pessoas, mas enquanto pessoas no mundo. É afinar os sentidos, conectando almas animadas (Hillman, 1993), e que por estarem em sintonia, vibram em comunhão; podendo SER, ao invés de só estar.

Assim, defendemos uma formação que não se limite a instruir, mas que se constitua como forma-ação, movimento de implicação, criação e transformação (Larrosa, 2014). Uma formação que se abre às microações e micronarrativas capazes de impactar tanto o singular quanto o social (Reis, 2023). Uma formação que desafia o modelo hegemônico e colonizador da escola, para inventar outras formas de educar, resistir e existir. Uma formação que, ao invés de adestrar, encante – *encantariando* docências, *frestando* quintais, como temos aprendido junto às crianças e com elas.

Tecemos uma escrita que envereda e se interessa pelos detalhes, pelo miúdo. Assim, iniciamos o texto aterrando nossos pés na gramática do chão da Educação Infantil e docência, e em seguida, ampliamos nossas tessituras urdindo os fios sobre e com uma formação que pretende ir se constituindo com uma forma de ação: agir pelas Frestas e como possibilidade de reconectar-se consigo, com o corpo, que, uma vez inteiro, permita-se (re)encantar com os pequenos gestos cotidianos. E as nuances que emergem em seus territórios de atuação, na vida e na docência da Educação Infantil, quando as sensibilidades docentes são cuidadas. Temos percebido, que se abrem frestas, espaços para diálogo em consonância com uma escuta sensível,

atenciosa e respeitosa para os bebês, as crianças bem pequenas e as crianças pequenas (BNCC, 2017)ⁱ, esgarçando uma lógica da formação como fôrma, formato, que restringe a criação, para uma lógica inversa: um convite a uma forma de ação, que impulsiona, convoca a imaginação, a criatividade, o corpo. E, caminhando para as veredas finais, reafirmamos que, para encantarmos, é preciso que estejamos encantadas na vida e na docência, mesmo diante de uma sociedade que produz desencantamento e adoecimento. Portanto, é preciso não só resistir, mas existir para resistir.

Encantariando docências, frestando quintais

[A razão] que se repensa e se recria, é inseparável de uma educação da sensibilidade, tanto da percepção como dos sentimentos, especialmente uma educação para a empatia: sentir com o outro, pensar com o outro, viver com o outro.
Severino Antônio

Refletir sobre/com a Educação Infantil é, também, refletir sobre/com a formação docente, pois por maior que sejam os protagonismos infantis, só há espaço para que sejam valorizados e plenamente vivenciados nas instituições educacionais, se as/os docentes confiem e proponham ações que fortaleçam a autonomia, a imaginação, o movimento, a força criativa e criadora que habita em nós. Por isso, escolhemos afirmar e defender a importância e a urgência de formações que tenham como princípios a escuta, o encantamento (Simas; Rufino, 2019; 2020; Rufino, 2021; 2023), o amor (Hooks, 2021), a arte (Ostetto; Silva, 2018; Ostetto, 2019; 2024), o sonho (Freire, 2020; Limulja, 2022; Ribeiro, 2022) e o cuidado (Alice, 2025).

Há muitas questões que são importantes demarcarmos aqui: todas e todos, em maior ou menor grau e intensidade, frequentamos a escola em algum momento da vida. Assim, todas as pessoas têm seus processos formativos atravessados pela experiência escolar e, consequentemente, formam, ao longo de sua trajetória, concepções sobre a escola. Por isso é tão comum que a educação seja um terreno para o qual todas e todos tenham um plano, pois são, pelo menos, oito anos diários imersas/imersos em instituições educacionais. Outro aspecto relevante é que passamos todo esse tempo sendo formadas/formados, em sua maioria, por uma educação tradicional, de base cartesiana, que reforça os binarismos, a cisão entre corpo e mente; que acredita em uma aprendizagem que se dá no silêncio, com o corpo inerte por horas a fio. Uma aprendizagem pautada em conteúdos a serem aprendidos pela repetição e, consequentemente, memorização. Uma educação para a qual o erro é fraqueza, é falha, e que também não é muito afeita a perguntas. Assim, vivemos muito tempo permeadas por uma

relação que pode ser muito dura com a escola, pois, ao mesmo tempo que criticamos seus métodos, acabamos por reproduzi-los, pois é o que conhecemos e, em certa medida, o que nos traz segurança, principalmente quando docentes em início de carreira.

Desse modo, a formação é um dos portais, que podem levar a uma educação que “dá errado” ou a esta que vem dando “certo” (Rufino, 2023) desde a colonização. Não estamos, com isso, atribuindo à formação um caráter salvacionista, desconsiderando todos os fatores complexos que envolvem a educação e o sistema educacional. Tampouco acreditamos que a formação, seja ela inicial ou continuada, conseguirá preencher todas as lacunas e receitar os ingredientes necessários a uma educação “de qualidade”. Sabemos dos desafios, pois os vivenciamos dia a dia, enquanto professoras da Educação Infantil e da Universidade. Mas, acreditamos que a formação, em forma de ação, pode abrir frestas que deixam o sol entrar e permitam que nosso fogo/fósforo interno seja aquecido e aceso:

Existe uma literatura do realismo mágico, chamada como água para chocolate, da autora mexicana Laura Esquivel, que traz uma cena que talvez me ajude a dizer o que desejo falar: é um diálogo entre John e Tita, em que John conta uma teoria que sua avó, sua mais velha, tinha lhe contado. Após mostrar a combustão viva e instantânea de um fósforo, com auxílio de uma chama e da manipulação do oxigênio, ele disse: como vê, todos temos no nosso interior os elementos necessários para produzir fósforo. Mais ainda... deixe-me dizer-lhe uma coisa que não confiei ainda a ninguém. A minha avó tinha uma teoria muito interessante. Dizia que embora todos nasçamos com uma caixa de fósforos no nosso interior, não os podemos acender sozinhos, precisamos, como na experiência, de oxigênio e da ajuda de uma vela. Só que neste caso o oxigênio tem de vir, por exemplo, do hálito da pessoa amada; a vela pode ser qualquer tipo de alimento, música, carícia, palavra ou som que faça disparar o detonador e assim acender um dos fósforos. Por momentos nos sentiremos deslumbrados por uma intensa emoção. Se dará no nosso interior um agradável calor que irá desaparecendo pouco a pouco conforme passa o tempo, até vir uma nova explosão que o reavive. Cada pessoa tem de descobrir quais são os seus detonadores para poder viver, pois a combustão que se dá quando um deles se acende é que alimenta a alma de energia. Por outras palavras, esta combustão é o seu alimento. Se uma pessoa não descobre a tempo quais são os seus próprios detonadores, a caixa de fósforos fica úmida e já não poderemos acender um único fósforo. Se isso chegar a acontecer, a alma foge do nosso corpo, caminha errante pelas trevas mais profundas procurando em vão encontrar alimento sozinha, não sabendo que só o corpo que deixou cheio de frio é o único que poderia dar-lho. Por isso é preciso mantermo-nos afastados de pessoas e situações que tenham um hálito gelido. Bastaria a sua presença para poder apagar o fogo mais intenso, com os resultados que já conhecemos. Há muitas maneiras de pôr uma caixa de fósforos úmida a secar, mas pode ter a certeza de que tem solução. É claro que também é preciso ter o cuidado de ir acendendo os fósforos um a um. Porque se por uma emoção muito forte se acendem todos de uma vez produz-se um brilho tão forte que ilumina para além do que podemos ver normalmente e então aparece aos nossos olhos um túnel esplendoroso que nos mostra o caminho que esquecemos no momento de nascer e que nos chama a reencontrar a nossa origem divina perdida. Assim, a alma deseja integrar-se de novo ao lugar de onde vem, deixando o corpo inerte... desde que a minha avó morreu que procuro demonstrar cientificamente esta teoria. Talvez um dia o consiga. (Esquivel, 2015, s/p.)ⁱⁱ

Sendo assim, a queima do fósforo, depende, então, da nossa disponibilidade de olhar para a vida com lentes de cores, formatos e vieses variados; do nosso esperar (Freire, 2020) diário de assumir um compromisso ético, estético e político com a educação e com as crianças com as quais dividimos nossos dias; do nosso desejo amoroso (Hooks, 2021) de deformar processos hegemônicos que se pretendem únicos, descolonizando a educação, de modo que vivamos processos e percursos de envolvimento (Bispo, 2023), de pluralidade de conhecimentos e saberes: criando assim, quintais maiores do que o mundo (Barros, 2015) e possibilidades de uma Educação que vire de ponta-cabeça, que movimente outros deslocamentos e faça tensionamentos. Experimentando uma formAção que permita “[...] mobilizar-se diante do vivido, implicar-se no processo, buscar brechas em contrapartida às dificuldades já percebidas e ao mesmo tempo questionar-se diante das próprias práticas e das suas condições de trabalho [...]” (Ferreira, 2020, p. 33).

É por acreditar nisto, e por concordar que somente professoras que tenham suas sensibilidades cuidadas, podem cuidar das sensibilidades das outras pessoas com as quais se relacionam, principalmente enquanto docentes (Duarte Jr., 2000), que temos nos debruçado, ao longo dos onze anos do Grupo de Pesquisa FRESTAS, uma Forma[de]Ação que seja experiência, tal como descreve Larrosa (2014), algo que atravesse, desloque, faça sentir e, principalmente, faça sentido. Uma Forma[de]ação que traga mais questionamentos que certezas; que amplie as percepções para os acontecimentos, para o que nos acontece no miúdo, para o que tomamos como corriqueiro, mas que, justamente por ser feito tantas vezes, sem esforço, precisa ser repetido, repetido, até ficar diferente (Barros, 2016), afinal, naquilo que todo o dia fazemos igual, reside a potência do sagrado (Han, 2021).

Diante disso, e olhando mais detidamente para as dimensões do cuidado, principalmente com àquelas e àqueles que cuidam, que o curso FRESTAS para (re)encantar corpos docentes tem sido tecido. Fiado na crença que temos do encantamento enquanto forma de resistência, um pacto assumido diariamente: conosco, com a educação e fundamentalmente, com as crianças com as quais convivemos cotidianamente. Um propósito de vida, um princípio inegociável, um pacto firmado entre nós, que postula que, por mais que eles tenham “[combinado] de nos matar. A gente combinamos de não morrer” (Evaristo, 2016, p. 07).

O curso é uma ação do projeto de pesquisa intitulado “O ethos do cuidado na formação docente: potencializando o corpo, o movimento e a arte como dispositivos do sensível”, apoiado pela FAPERJⁱⁱⁱ, que objetiva investigar os modos pelos quais as experiências estético-artísticas podem se constituir como dispositivos potentes à ampliação das sensibilidades, fortalecimento

dos laços de coletividade e incremento da criatividade, compondo um *ethos* de cuidado no campo da formação docente. A partir disso, planeja, elabora e implementa proposições formativas sustentadas nos princípios do cuidado – com as/os outras/os, com as relações, com o espaço, com as propostas – e da educação estética/sensível como dimensões inegociáveis e vitais. O que propomos dialoga com uma FormAção Barro^{iv}, que vai se (trans)formando na relação, na conversa que vai sendo estabelecida a partir do encontro, no qual não há um corpo que ensina e outro que aprende, mas sim, corpos em construção que formam-deformam-transformam-formam-transformam-deformam-formam... sem que tenham fôrmas (Guedes; Ferreira, 2020), sem concepções pré-estabelecidas e ideias prontas e acabadas; mas sim, acolhendo o que atravessa, compondo com o inesperado que surge e é convidado a entrar, tecendo possibilidades e desafiando certezas.

Figura 1 – A educação sensível e os sentidos como pensamento do mundo^v



Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa FRESTAS
Acesso em: 05 set. 2025

O campo de investigação é a formação docente, que se encontra diante de um cenário de crescente adoecimento, amplificado pela Pandemia de Covid-19, e por um contexto sociopolítico e econômico marcado pelo neoliberalismo, que converte as relações e as diferentes dimensões da vida em mercadoria, estimulando a competição, o “mérito”, o individualismo e o consumo, levando ao que o professor, artista e pesquisador, Danilo Patzdorf (2021) nomeia como crise da sensibilidade do corpo ocidentalizado. Tudo isso, aliado a um

apartamento da natureza e de nossa dimensão biofílica (Tiriba, 2017); de um projeto de sucateamento da educação orquestrado há muitos anos e intensificado desde o golpe de 2016, além dos inúmeros desafios e burocracias, das mais diferentes ordens, enfrentados no cotidiano das instituições educacionais, que levam ao esgotamento e ao anestesiamento dos corpos docentes, em uma tentativa de opressão que se dá pela dessensibilização, pela apatia e pelo desencanto, que segundo Simas e Rufino (2019) é o contrário da vida.

Cientes deste cenário, percorremos caminhos metodológicos que se encontram com a Pesquisa-Formação (Longarezi; Silva, 2013), pois entendemos a educação enquanto processo, da mesma forma que a pesquisa, uma vez que enquanto pesquisadoras, nos formamos na construção da pesquisa e ao pesquisarmos, construímos novas epistemologias que envolvem a formação. Os detalhes, as miudezas que emergem das instituições educacionais e dos percursos formativos, nos interessam e são focos da pesquisa, que pautada em Metodologias Minúsculas (Guedes; Ribeiro, 2019), possibilitam investigações autênticas, potentes, únicas e singulares, ao romperem com a “normativa do método enquanto cientificidade, e [reforçarem] a importância das multiplicidades, da diferença, da polifonia, do diálogo.” (Guedes; Ribeiro, 2019, p. 18).

Nessa perspectiva, planejamos e ofertamos um conjunto de formações que aconteceram aos sábados, entre agosto e dezembro de 2024 e entre setembro e novembro de 2025, das 9h às 13h, na UNIRIO. O primeiro conjunto contou com 15 encontros, sendo 9 síncronos e 6 assíncronos, com envio de propostas, carinhosamente nomeadas de “Prazeres de Casa” e proposições ofertadas por professoras/res parceiras/os convidadas/dos^{vi}. O segundo conjunto contou com 10 encontros, sendo 2 assíncronos. Estas formações intencionaram se constituir como tensionamentos, em um contexto de perda da sensibilidade, de desencanto, em meio às crises ambientais, éticas e políticas, de modo que abriram espaços e tempos em que pudemos experimentar modos de ser e viver em coletivo sustentados por um *ethos* do cuidado, incrementando a potência inventiva do humano e colaborando para uma maior integração entre dimensões que têm sido dissociadas e invisibilizadas (corpo e mente, afetividade, sensibilidade).

Apostamos na potência de experiências que envolvem a criação e as artes como fomentadoras do encantamento da educação, do fortalecimento do sentido de pertencimento e da vitalidade, de modo que possamos não só escovar e escavar os cotidianos, como fazer peraltagens com as palavras, enchendo os vazios e semeando despropósitos (Barros, 2018).

Figura 2 – Constelando docências



Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa FRESTAS
Acesso em: 14 set. 2025

Escovando cotidianos com despropósitos

É preciso ousar, no sentido pleno desta palavra, para falar em amor sem ser chamado de piegas, de meloso, de a-científico, senão anticientífico. É preciso ousar para dizer cientificamente que estudamos, aprendemos, ensinamos, conhecemos de corpo inteiro. Com sentimentos, com emoções, com desejos, com os medos, com as dúvidas, com a paixão e também com a razão crítica. Jamais com esta apenas. É preciso ousar para jamais dicotomizar o cognitivo e o emocional.

Paulo Freire

Freire nos convoca a ousarmos e assumirmos uma Educação que seja um acontecimento que se manifeste de corpo inteiro, uma Educação orgânica, em que nossos corpos e suas dimensões estejam presentes e, sobretudo, façam parte do processo da formação, a qual temos compreendido como forma de ação – um convite a agirmos pelas Frestas, esgarçando o que muitas vezes está posto, como temos proposto no curso Frestas para (re)encantar corpos docentes, já citado acima. Vale ressaltar, que sabemos que não vamos mudar a estrutura organizacional e as questões estruturais nas quais a Educação está imersa; mas também sabemos que podemos, dentro de uma perspectiva de ciência que acredita e defende a potência das micro ações e das micronarrativas, impactar o local e o global, pois como afirma Reis (2023), o conhecimento é singularsocial, ou seja, a narrativa singular, impacta o social à medida que estamos imersas/os em uma sociedade.

É ousando e afirmando uma ciência desacelerada (Stengers, 2023) que temos ofertado formações que sejam possibilidades de reconexão com o corpo, buscando romper ou esgarçar

as lógicas unívocas e binárias, possibilitando experiências que promovam pausas e respiros, que primem pela escuta atenta às/aos professoras/es, que apresentem recursos, cujo *ethos* seja o cuidado e que caminhem pelas veredas do encantamento, na perspectiva de Simas e Rufino (2020), abrindo frestas para a pluralidade de saberes e conhecimentos. Assim a Formação se amplia e acontece abarcando os sentimentos, a escuta, os medos, o não saber, pois apostamos em uma educação orgânica, viva que acontece no/de corpo inteiro. Uma educação que pulsa na Educação Infantil, pois os bebês, as crianças bem pequenas e as pequenas, são corpo. Não há aprendizagem que não passe, se enrosque, pulse e transborde dele/nele e por ele.

As crianças que constituem a Educação Infantil são, não só detentoras, como produtoras de cultura, absorvendo e se relacionando com o mundo à sua volta. Portanto, têm vivido, desde a mais tenra idade, a imersão em uma sociedade cada vez mais acelerada, impaciente, esgotada e dominada pela tecnologia e por relações neoliberais de consumo e produção. Dessa forma, não há como não estarem também aceleradas, absortas em telas e desconectadas da natureza e de relações sociais e corporais que estejam para além das que giram em torno das telas, exigindo a presença, o olhar e a escuta atenta. Sem falarmos da medicalização, que está atingindo um número cada vez maior de pessoas adultas e crianças. Assim, as instituições educacionais se tornaram os locais nos quais estas interações ainda são possíveis, propostas e desejáveis. Daí a urgência de que sejam realmente propostas e garantidas.

Figura 3 – Encantamento com o mundo



Fonte: Acervo Pessoal Michelle Dantas
Acesso em: 30 set. 2025

Como, então, garantir que as crianças experienciem tempos mais alargados, espaços mais acolhedores e diversificados, relações mais afetivas e respeitadas e vivências que potencializem seus saberes e provoquem o alargamento de seus repertórios? Como fazer com que o tempo dá lagarta (Guedes; Ferreira, 2024) e o tempo do *Tiktok*^{vii} conversem e coabitem a vida em uma razoável harmonia? Como não anestesiarmos e desencantarmos frente às burocracias, às exigências e acelerações de uma sociedade que tem o futuro como foco e o presente como preparação? Para todas estas perguntas, a ARTE. Arte como fazer, como respiro, como possibilidade de encantar e reencantar o corpo, alimentar a alma, resistir, lutar e reexistir. Aqui não nos referimos a somente incluir “atividades artísticas” no planejamento, mas sim, praticar um currículo que tenha a arte como fio que conduz, tece, trama, enreda e borda as práticas e as relações; que fia com os espaços-tempos, com os eixos estruturantes, com os materiais e materialidades tão próprios da Educação Infantil. Um fazer com arte que não se dê de forma ornamentatória e ilustrativa, nem tampouco, que coloque a arte como instrumento, à serviço de algo ou alguém ou uma arte que é conteúdo. O que apostamos e defendemos é um fazer com arte que transborde papéis, riscantes, obras e releituras... que seja manifesto, direito, percurso...

e que seja para todas e todos: crianças e educadoras/es, pois só uma educação que acenda nosso fósforo interno é capaz de lecionar andorinhas. Que possamos estar atentas/atentos a intensidade da chama do fósforo, às formas e aos modos como ela queima, pois dependendo de como a conduzimos, pode ser intensa, mas queimar rapidamente, sem dar tempo de estabelecer interação e permitir uma aproximação para criar intimidade. Portanto, é importante fazer escolhas conscientes, praticar uma escuta atenta e atenciosa ao que pulsa no cotidiano da Educação Infantil, defendendo-o como um espaço-tempo de criação, investigação, invenção... lugar de realizar despropósitos e desvelar belezas. Que os corpos expressem, no dia a dia, suas gramáticas e descubram, em constelação (Krenak, 2019), como apalpar as intimidades do mundo, construindo cada uma/um a sua maneira, uma didática da invenção. Mobilizemos!

Figura 4 – O outro que cabe num abraço



Fonte: Acervo Pessoal Edilane Oliveira
Acesso em: 03 out. 2025

Por uma educação que lecione andorinhas: formação e docência em frestas de encantamento

*A razão precisa repensar-se. Precisa recriar-se, como
razão criativa. Como razão poética. Uma razão amante
dos símbolos, razão sonhante. Uma razão que dança.
Precisamos dessa nova racionalidade. E a razão precisa
de outros amores. Precisa do encantamento e do
reencantamento de outros amores. Precisa de uma
conversão ética, de reverência pela vida.
Severino Antônio*

Ao longo deste texto, defendemos que refletir sobre a Educação Infantil é, necessariamente, refletir sobre a docência e sobre a formação docente. Afinal, os protagonismos infantis só se efetivam em instituições nas quais as professoras e os professores reconhecem e sustentam a potência criadora das crianças, garantindo-lhes autonomia, movimento, imaginação e poesia no cotidiano escolar.

Nessa perspectiva, a formação não pode ser entendida como mero cumprimento de etapas ou acúmulo de técnicas, mas como experiência que desloca, toca e transforma. Uma formação que se faz forma-ação, implicando corpo, afetos, saberes e práticas. É nesse espaço que se tece a possibilidade de uma docência viva, que se deixa atravessar pelas frestas do cotidiano, pelos quintais reinventados e pelo encantamento como princípio ético, estético e político.

Formação e docência se entrelaçam, portanto, como dimensões inseparáveis: não há docência sensível sem uma formação que cuide das sensibilidades docentes; e não há formação que faça sentido se não estiver enraizada nos gestos, nas perguntas e nos desafios do chão da prática. É nesse entrelaçamento que se abre a possibilidade de uma Educação Infantil que não apenas instrui, mas que encanta e mobiliza sentidos, que resiste e reinventa, que cultiva bonitezas e faz florescer mundos.

Por isso, reafirmamos a urgência de formações que nutram os docentes para que, nutridos, possam nutrir as crianças. Assim, seguimos acreditando que a docência que se encanta é a docência que encanta, e que é dessa relação viva entre formação e prática que podem nascer novos voos – voos que, como andorinhas, anunciam a possibilidade de outros tempos e outras primaveras na educação.

Referências

ALICE, Tania (Org.). *Poéticas do cuidado: um panorama brasileiro*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2025.

ANTÔNIO, Severino. *Uma nova escuta poética da educação e do conhecimento: diálogos com Prigogine, Morin e outras vozes*. São Paulo: Paulus, 2009. (Pedagogia e educação)

- BARROS, Manoel de. *Meu quintal é maior que o mundo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
- BARROS, Manoel de. *O livro das ignoranças*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.
- BARROS, Manoel de. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018.
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BISPO, Antônio dos Santos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental*. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.
- DUARTE JUNIOR, João Francisco. *O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível*. 2000. 234f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.
- ESQUIVEL, Laura. *Como água para chocolate*. Rio de Janeiro/São Paulo: Martins Fontes, 2015.
- EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016. 116 p. ISBN 978-85-347-0597-4 (Pallas Editora). Disponível em: <https://files.ufgd.edu.br/arquivos/arquivos/78/NEAB/Grupo%20de%20Estudos/7.%20EVARISTO,%20Concei%C3%A7%C3%A3o%20-%20Olhos%20dagua.pdf>. Acesso em: 04/10/2025.
- FERREIRA, Luciana Haddad. *Educação Estética e formação docente: Narrativas, inspirações, conversas*. Curitiba: Appris, 2020.
- FREIRE, Paulo. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Olhos d'água, 1997.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia dos sonhos possíveis*. 3. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- GODOY LENZ, Rossana; RAMALLO, Francisco; RIBEIRO, Tiago. Investigaciones-vidas en educación: Conversar, escuchar constelar. *Revista Teias*, Rio de Janeiro, v. 24, p. 303-313, 2023. Disponível em:
- GUEDES, Adrienne Ogêda; FERREIRA, Michelle Dantas. Formação sem fôrma: a singularidade do processo de ser professor da Educação Infantil. *Educação*, Porto Alegre, v. 43, n. 1, p. 1-12, jan.-abr. 2020. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/29757/19636>.
- GUEDES, Adrienne Ogêda; FERREIRA, Michelle Dantas. O tempo da lagarta e as sete coisas impossíveis a serem defendidas antes do café da manhã. In: SANCHES, Carolina (Org.). *Cardume: a transformação acontece na Educação Infantil*. Rio de Janeiro: Mapa Lab/LERCONECTA, 2024.

GUEDES, Adrianne Ogêda; RIBEIRO, Tiago (Orgs.). *Pesquisa, alteridade e experiência: metodologias minúsculas*. Rio de Janeiro: Ayyu, 2019.

HAN, Byung-chul. *O desaparecimento dos rituais: uma topologia do presente*. Petrópolis, RJ: vozes, 2021.

HILLMAN, James. *Cidade e alma*. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

HOOKS, Bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. São Paulo: Elefante, 2021.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

LIMULJA, Hanna. *O desejo dos outros: uma etnografia dos sonhos Yanomami*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

LONGAREZI, Andrea Maturano; SILVA, Jorge Luiz da. Pesquisa-formação: um olhar para a sua constituição conceitual e política. *Revista Contrapontos - Eletrônica*, v. 13, n. 3, set-dez 2013, p. 214-225.

OSTETTO, Luciana Esmeralda; SILVA, Greice Duarte de Brito. Arte na formação docente para a Educação Infantil: procura-se! *Poiesis*, Unisul, Tubarão, v. 12, n. 21, p. 185-203, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Poiesis/article/view/5902/0>

OSTETTO, Luciana Esmeralda. *Esse in anima: formação docente em deslocamento*. In: REUNIÃO NACIONAL ANPED, 39, 2019, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2019. Disponível em: https://anais.anped.org.br/sites/default/files/gt07_trabalho_encomendado_formatado_39_rm_-_2_luciana_esmeralda_ostetto.pdf.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Arte na educação infantil: proposições, concepções, reflexões em narrativas docentes. *Pro-Posições*, Campinas, SP, v. 35, p. e2024c1204BR, 2024. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8678668>.

PATZDORF, Danilo. Pequeno Manual de Autocuidado para corpos esgotados. In: *Mover – Práticas Coreográficas de Escrita*, SESC Pinheiros, SP, 2021. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/files/artigo/729ef987/ec48/4f43/88eb/dd0068addd6b.pdf>.

REIS, Graça. A Pesquisa Narrativa como Possibilidade de Expansão do Presente. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 48, 2023. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/12329>.

RIBEIRO, Sidarta. *Sonho manifesto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

RUFINO, Luiz. *Vence-Demanda: educação e descolonização*. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

RUFINO, Luiz. *Ponta-cabeça: educação, jogo de corpo e outras mandigas*. Rio de Janeiro: Mórula, 2023.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. *Flecha no tempo*. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. *Encantamento sobre política de vida*. Rio de Janeiro: Mórula, 2020.

STENGERS, Isabelle. *Uma outra ciência é possível*: manifesto por uma desaceleração das ciências. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2023.

TIRIBA, Léa. 2017. Educação Infantil como direito e alegria. *Laplage em Revista*, v. 3, n. 1, p. 72-86, 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/317127484_EDUCACAO_INFANTIL_COMO_DIREITO_E_ALEGRIA.

ⁱ A Base Nacional Comum Curricular traz uma categorização que indica nomenclaturas próprias para cada faixa etária: os *bebês* são os que têm de 0 a 1 ano e 6 meses; a *criança bem pequena*, é aquela de 1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses e a *criança pequena*, a que tem entre 4 e 5 anos e 11 meses.

ⁱⁱ Trecho citado por Raissa Cortat, mestrande da UNIRIO e pesquisadora do Grupo FRESTAS, em encontro conduzido por ela no curso de extensão FRESTAS para (re)encantar corpos docentes, realizado dia 13 de setembro de 2025, com o tema: Águas da memória.

ⁱⁱⁱ Projeto que recebeu em 2024 o financiamento da FAPERJ.

^{iv} Virna Bemvenuto, artista visual, professora de artes, pesquisadora do Grupo FRESTAS e doutoranda em educação pela UNIRIO, propõe em sua tese em construção, uma formação pelo barro.

^v Foto tirada no encontro formativo do curso de extensão FRESTAS para (re)encantar corpos docentes, realizado em agosto de 2024, na Quinta da Boa Vista. Intitulado “A educação sensível e os sentidos como pensamento do mundo”, foi um encontro planejado e articulado pelas professoras Bia Jabor e Mariana Lopez, convidadas pelo Grupo FRESTAS a ministrarem um dia de formação.

^{vi} Os encontros contaram com a parceria de profissionais da educação e da arte, afinadas/dos com os princípios do Grupo de Pesquisa (algumas/alguns participantes mais próximos e mais distantes), tais como: Wallace Araújo; Virna Bemvenuto e Carolina Cony; Bia Jabor e Mariana Lopez; Rona Hanning; Ana Cretton; Priscilla Menezes; Tiago Ribeiro e Lúcia Vignoli; Lívia Lage e Vicente Barros.

^{vii} Aplicativo de rede social por meio do qual as/os usuárias/os criam e compartilham vídeos curtos, que podem contar ainda com aplicação de filtros, músicas e figurinhas.